

TEORIAS CLÁSSICAS DA SOCIOLOGIA

5
aula

META

Apresentar a diversidade teórica nas origens da sociologia.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: identificar o conceito de modernidade com base no pensamento sociológico de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre Modernidade.

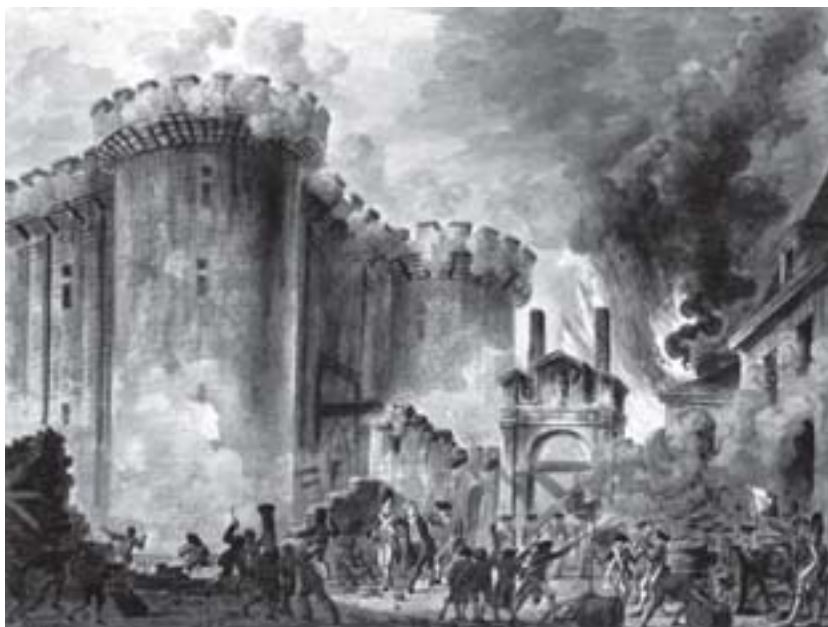


Engrenagens (Fonte: <http://gooutside.terra.com.br>).

A idéia de que toda ciência tem um “pai”, um fundador, um inventor é muito comum em certa literatura sobre a história das ciências. Embora seja um esforço didático, é importante que entendamos a história das disciplinas científicas como um processo que envolve vários inventores, fundadores e estudiosos daquela área de saber.

INTRODUÇÃO

O caso da Sociologia não é diferente. Muitos pesquisadores contribuíram para o seu surgimento e desenvolvimento. Poderíamos citar até mesmos alguns precursores que, mesmo não atendendo aos critérios da moderna Sociologia, contribuíram profundamente para a estruturação da disciplina. Entre eles, Nicolau Maquiavel, Alexis de Tocqueville, o Barão de Montesquieu, Auguste Comte. Complementarmente, também poderíamos indicar vários filósofos, teólogos e historiadores que, de alguma maneira, tiveram seus textos discutidos no âmbito da Sociologia tanto do ponto de vista teórico como metodológico.



Queda da Bastilha (Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

A pesar da importância dos precursores e autores fronteiriços, nos limitaremos a comentar, sumariamente, alguns aspectos da obra daquilo que conhecemos como o cânone sociológico do século XIX, aqueles que contribuíram de forma mais decisiva para a emergência e consolidação desse campo do saber científico: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber.

TEORIAS CLÁSSICAS

Esses pensadores têm vários aspectos em comum, tais como: são europeus, cresceram observando as mudanças ocorridas no século XIX (Durkheim e Weber ainda testemunharam o começo do século XX), suas famílias mantinham vínculos com a cultura judaico-cristã, pertenciam a estratos sociais médios, suas formações foram desenvolvidas em ambiente universitário, vinculavam-se à tradição iluminista e cultivaram uma formação interdisciplinar, envolveram-se de formas variadas com a política e dedicaram suas vidas de tal maneira aos estudos da modernidade que acabaram por ser incontornáveis nos estudos dessa cultura nova.

Passados mais de cem anos, esses pensadores ainda nos ajudam, com suas inúmeras formulações, a entender o que está ocorrendo ao nosso redor. Fenômenos como a burocracia, o suicídio, a religião, a escola, a economia, as classes sociais, o poder, as sociedades pré-modernas, as maneiras de pensar. Além, naturalmente, de formularem as bases epistemológicas, metodológicas e teóricas da disciplina.

Considerando as características deste curso, comentaremos, apenas, algumas formulações desses autores relativas ao fenômeno moderno. E faremos isto por ordem cronológica.

A MODERNIDADE CAPITALISTA



Karl Marx

Economista, filósofo e sociólogo alemão (1818-1883). Em 1844 conheceu Engels, com quem escreveu *O Manifesto Comunista* (1848), primeiro esboço da teoria revolucionária, mais tarde chamada marxista. Publicou *Sobre a crítica da Filosofia do direito de Hegel* (1844) e *O Capital* (1867 – primeiro volume).

Karl Marx (1818-1883) nasceu em Trier, na Alemanha, filho de classe média, estudou Direito nas Universidades de Bonn e Berlim, passou à história como o autor que formulou as bases do socialismo moderno a partir de uma crítica radical ao capitalismo. Isto não significa que o autor deixasse de reconhecer a natureza revolucionária do sistema capitalista moderno, que promoveu mudanças profundas ao redor do mundo em pouco mais de um século.

Para o autor do Manifesto do Partido Comunista, o capitalismo é um sistema de produção de mercadorias e a base desse sistema é a relação entre o capital (máquinas, matérias-primas, imóveis, recursos financeiros etc.) e o trabalho (a mão-de-obra).

Como diz o Manifesto, os capitalistas desestruturam todas as relações tradicionais onde quer que cheguem. Submetem a tudo e a todos com sua lógica da eficiência e da produtividade. Nesse universo, tudo pode ser subjugado ao poder do capital, pois a tendência do sistema é mercantilizar todas as esferas de ação social. Lembremos que a própria força de trabalho se transforma em mercadoria. Marx tornará famosa uma metáfora que expressaria perfeitamente o espírito da modernidade capitalista – “Tudo que é sólido desmancha no ar”.

Segundo Marx, sobre esta base econômica se elevaria uma superestrutura jurídica, política e ideológica que funcionaria no sentido de legitimar tais relações, convencendo e coagindo os cidadãos da necessidade permanente da reprodução desse sistema. As manifestações típicas dessa superestrutura são: as leis, a polícia, a escola, os valores ideológicos. A esta superestrutura que garantiria esse processo de reprodução desse tipo de sociedade Marx chamará de Estado burguês.

Apesar de sua natureza revolucionária, na origem, o capitalismo se consolidaria como um sistema explorador e excludente, pois todo o excedente produzido nas fábricas seria desigualmente distribuído, o que criaria massas de pessoas empobrecidas e uma minoria de burgueses privilegiados.

Para o autor d'O *Capital*, a única maneira de reverter esse quadro de exploração capitalista era a promoção de uma revolução social. Em outras palavras, a expropriação da burguesia e a socialização da riqueza socialmente produzida. Tal ocorrência transformaria a sociedade capitalista numa sociedade onde se exigiria de todos segundo as suas capacidades e se atenderia a todos segundo as suas necessidades. Comunismo é o nome dessa sociedade harmônica, justa e igualitária.

A história da modernidade capitalista no século XX acabou por demonstrar que onde o capitalismo mais se desenvolveu (Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Alemanha, Holanda, Japão, Austrália, entre outros) foi justamente onde as massas trabalhadoras mais conquistaram direitos e bem-estar material.

MODERNIDADE E SOLIDARIEDADE ORGÂNICA

Émile Durkheim (1858-1917) nasceu em Épinal, uma região francesa que fica na fronteira com a Alemanha. A família judia, o pai era rabino, permitiu que pudesse estudar a maior parte do tempo em Paris, onde fez suas primeiras incursões na filosofia. Mas, era através de outra disciplina que seria lembrado.

A concepção de modernidade do autor das Regras do Método Sociológico tinha no seu centro o conceito de solidariedade, que, segundo afirmava, era o mecanismo através do qual as sociedades se reproduziam e se mantinham coesas.

Ao longo da história, poderíamos identificar dois grandes tipos de sociedades que chamaremos, para simplificar, de



Emile Durkheim (Fonte: <http://www.bolender.com>).



Times Square, Nova Iorque (Fonte: <http://edsphotoblog.com>).

mecânicas e orgânicas. A linguagem utilizada pelo autor já sugere que as primeiras são mais simples, como mecanismos; as segundas, mais complexas, como organismos.

A simplicidade ou complexidade a qual se refere Durkheim estariam vinculadas ao nível de densidade morfológica e fisiológica obser-

vada em cada uma destas sociedades. Seguindo o autor, podemos afirmar que as sociedades mecânicas apresentam os seguintes aspectos morfológicos: menor densidade populacional, tecnologia mais rudimentar, menor divisão do trabalho etc. No que se refere aos aspectos fisiológicos, tais sociedades são compostas por um número limitado de instituições, regras em menor número e partilhadas de forma mais consensual. Tais características tornam esses grupos mais homogêneos, mais coesos, com menor possibilidade para desvios da regra e com forte presença de elementos tradicionais. Tais características tornariam os membros do grupo muito semelhantes entre si, formariam uma só comunidade de destino, o que reforçaria a solidariedade entre eles.

As sociedades orgânicas teriam características opostas. Morfológicamente, seu desenho envolveria grandes populações, alto nível de desenvolvimento tecnológico e grau elevado de divisão do trabalho social, radicalizando a especialização da mão-de-obra e especificando profundamente a função de cada indivíduo. Do ponto de vista fisiológico, teriam um número enorme de regras e instituições sociais, acrescentando que tais regras e instituições só teriam validade à medida que continuassem funcionais para o sistema como um todo. Por isso, tais

sociedades se caracterizariam por alto nível de diferenciação entre os indivíduos, sendo que se reproduziriam, justamente, por essa complementaridade, ou seja, cada um precisaria do trabalho do outro para desenvolver o seu próprio trabalho e garantir sua reprodução em nível individual e social.

Como sugere o próprio nome, essas sociedades funcionariam como um organismo vivo, onde cada parte desempenharia uma função específica na reprodução satisfatória do todo. Um dos pontos de tensão nesse grande organismo social moderno estaria, precisamente, na disputa dos indivíduos pelas funções mais importantes na divisão do trabalho social. Quem e por que chegaria a desempenhar as funções de médico, engenheiro, lixeiro, operário, professor etc.?



Timbé, município de Tijucas-SC. (Fonte: <http://www.familiaimhof.com.br>).

Outro ponto de tensão nessas sociedades orgânicas, modernas, viria do fato de que os indivíduos estariam muito à vontade para seguir ou questionar as regras existentes, ao contrário dos ambientes tradicionais, onde esse tipo de atitude seria mais limitada. Em virtude dessa característica, tais sociedades viverão em permanente instabilidade e descompasso entre as regras e o seu cumprimento, provocando o que o autor chamará de anomia.

A RACIONALIZAÇÃO E O DESENCANTAMENTO DO MUNDO

Max Weber (1864-1920) nasceu em Erfurt, na Alemanha, numa família de protestantes e estudou em Heidelberg, Göttingen e Berlim, dedicando-se às áreas de História, Filosofia, Direito e Economia. Se for verdade que os grandes autores perseguem uma só questão durante toda a sua vida intelectual, podemos dizer que, no caso de **Max Weber**, suas elaborações giram sempre em torno da questão

da racionalização, que segundo o autor é o coração do processo de modernização.



Max Weber

Sociólogo e historiador alemão (1864-1920). Considerado um dos fundadores da Sociologia, fundou a Federação Pan-Germanista (1891) e o Partido Democrático Alemão (1918). Publicou *A ética protestante e o espírito do Capitalismo* (1904-1905). Postumamente, foram publicadas suas obras *Economia e sociedade* (1922) e *Ensaio sobre Economia* (1922).

Logo nas primeiras páginas da obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, o autor desenvolve um amplo diagnóstico do processo de racionalização do mundo moderno. Segundo **Weber**, conhecimento e observação também existiram em civilizações como a Índia, a China e a Babilônia, mas sem a fundamentação matemática e o método experimental modernos. Nas disciplinas de História e política, no Direito e na música, na Arquitetura e nas artes plásticas, nas empresas e no Estado, nas escolas e nas guerras, toda ação individual ocidental moderna tendeu a ser baseada em cálculos e não mais em adivinhações, tradições, crenças ou convenções. O Ocidente moderno potencializou essa herança da Antigüidade e imprimiu, crescentemente, essa marca em todos os espaços de ação social dos indivíduos. No caso da empresa capitalista, mais do que uma busca do lucro e da acumulação, encontraremos uma ampliação da racionalização através da calculabilidade precisa dos seus fatores técnicos expressa na emergência de três realidades importantes: a separação entre a empresa e a economia doméstica, o trabalho livre e a contabilidade racional.

Basicamente, o que observamos no fenômeno da racionalização moderna é uma busca incessante de eficácia da ação desenvolvida, uma demanda pela perfeita adequação dos meios aos fins, uma tentativa de controle das variáveis que permitam a realização dos fins desejados e uma busca de maximização dos resultados da ação baseada numa avaliação de custo-benefício. É importante enfatizar que tais processos não se apresentam mais como “momentos culturais isolados” como em civilizações anteriores, mas, ao contrário, o processo de racionalização é paulatinamente englobante de todas as esferas sociais: cotidiano, economia, política, ciências, ética e estética.

Segundo Weber, essa atitude racional teria como uma das conseqüências o que ele denomina de desencantamento do mun-

do, e a resultante tendência a considerá-lo totalmente sujeito ao controle racional, prenderiam o homem numa “gaiola de ferro” construída por ele mesmo, onde as ações afetivas, tradicionais e com base em valores tenderiam a ser subjugadas às ações racionais.

Não podemos esquecer que o fenômeno da racionalização para Weber nada tem a ver com algum destino inexorável da humanidade, nem tampouco é sinônimo de “progresso moral” da sociedade moderna. Para o autor de *Economia e Sociedade*, a racionalização é “obra contingente de determinado tipo de homens que podem, eventualmente, transmiti-la para o resto da Humanidade”.

A pesar de grandes contribuições teóricas e metodológicas, os autores clássicos da Sociologia (inclusive vários outros não citados neste texto) foram objetos de atualizações e complementações, como não poderia deixar de ser numa disciplina científica. Além de tudo, inúmeros fenômenos da modernidade ainda não haviam se desenvolvido suficientemente para que eles fossem devidamente analisados por eles, como as questões ecológicas e de gênero, por exemplo.

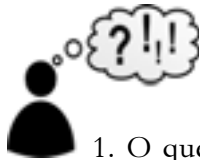
Ainda neste curso discutiremos algumas formulações sociológicas de autores contemporâneos sobre questões sociais da atualidade.

CONCLUSÃO

RESUMO



A modernidade europeia do século XIX foi o grande cenário para a formulação das teorias dos três autores clássicos da Sociologia – Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Como o processo de modernização se espalhou pelo mundo inteiro, mesmo que de maneira diversificada, é muito importante partir dos conceitos fundamentais desses autores, sobretudo as suas formulações sobre a modernidade para entendermos os dias de hoje. Portanto, o significado de conceitos como sistema de produção de mercadorias, solidariedade orgânica e racionalização continuam nos auxiliando na reflexão sobre a modernidade.



ATIVIDADES

1. O que significa a luta entre capital e trabalho enfatizada por Karl Marx?
2. Quais as diferenças entre sociedades “mecânicas” e “orgânicas” para Durkheim?
3. O que significa o processo de racionalização para Max Weber?
4. Você vive numa sociedade tipicamente moderna?
5. Dê um exemplo de uma sociedade tradicional.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. A dimensão econômica da modernidade era o principal núcleo da reflexão de Marx, que atribuía a esta a capacidade de estruturar as outras.
2. Nas suas analogias da sociedade com o mundo natural, Durkheim sugeria que o “mecânico” significava o mais simples e o “orgânico” o mais complexo.

3. Agir com objetivo de ser mais eficiente é a grande motivação da ação social na modernidade.
4. Observe em sua volta o que pode ser considerado moderno ou tradicional.
5. Observe nos filmes que você já assistiu um exemplo de sociedade tradicional.

SOBRE A MODERNIDADE

Luiz Eduardo Wanderley

É sabido que a temática envolvendo conceitos amplos de significado, tais como social, sociedade, questão social, moderno, modernidade, modernismo, modernização, pós-modernidade, pós-modernismo, condição pós-moderna etc. traz diversos deslizamentos semânticos, sentidos ambivalentes, interpretações dúbias e confusões teóricas e práticas de monta. Mesmo porque a compreensão dos processos históricos subjacentes ao surgimento e consolidação da modernidade apresenta alta complexidade e a sua explicação por parte de intelectuais, especialistas, cientistas sociais, para não falar de filósofos, mostra imensas dificuldades, de resto naturais por se tratar de algo que implica intensas ressonâncias na humanidade em geral por períodos de longa duração.

AUTO-AVALIAÇÃO



Após o estudo desta lição, posso conceituar o princípio de Modernidade, na visão de Marx, Durkheim e Weber?

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MARX, Karl. **O Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC, 1982.